

Para tornar «concorrencial» o aeroporto nortenho

Gomes defende privatização de Pedras Rubras

O presidente da Câmara Municipal do Porto defendeu ontem, em Bordéus, aonde se deslocou para comemorar o 20.º aniversário da geminação das duas cidades, a privatização do Aeroporto Francisco Sá Carneiro, em Pedras Rubras, «por forma a torná-lo concorrencial». Fernando Gomes, baseando-se no exemplo de Bordéus, avança mesmo a «atribuição da concessão da exploração a uma entidade

como a Associação Industrial Portuense», como alternativa ao actual modelo de gestão. Para o autarca portuense, esta gestão «não satisfaz», já que «as decisões da TAP nem sempre protegem os utilizadores». E acrescentou ainda que a AI Portuense manifestou já esse desejo, só que não surgiu ainda a ocasião para o pôr em prática.

Página 5

União de Leiria «juntou» FC do Porto e Benfica

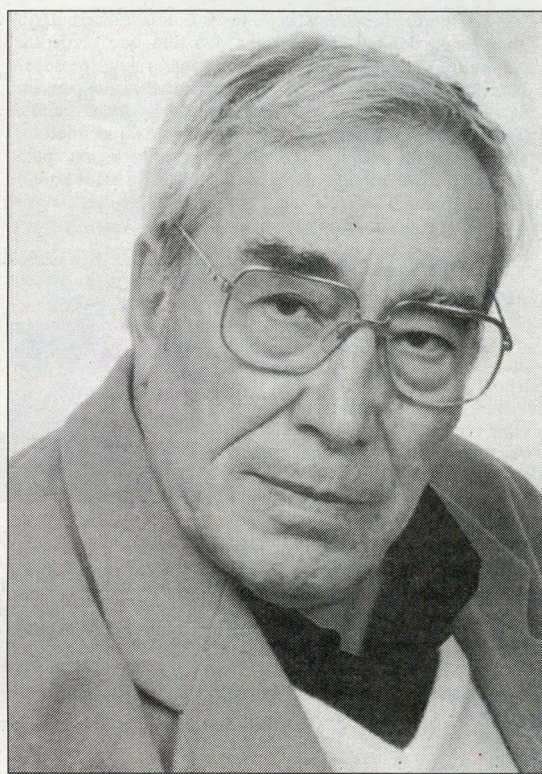
Jogo medíocre em Paranhos

Com os jogos Salgueiros-Braga e U. de Leiria-FC Porto, ficou ontem completa a oitava jornada do campeonato nacional da Primeira Divisão. Em Vidal Pinheiro (foto), assistiu-se a um jogo medíocre, sem garra nem alma, terminando as equipas empatadas a um golo. Já em Leiria, o clube local, que sonhava com o feito histórico de vencer os tetracampeões e isolar-se no comando da classificação, não foi também além do empate, «juntando» o FC do Porto e o Benfica no quarto lugar da classificação.

Páginas 22-23



José Cardoso Pires (1925-1998)



De profundis por um grande trabalhador das letras portuguesas

Esteve nas profundezas, regressou delas para deixar testemunho em «De Profundis - Valsa Lenta», o livro de bordo de uma «morte branca». Cumprida a missão, José Cardoso Pires faleceu ontem, aos 73 anos, pondo termo a um coma de quatro meses, provocado por um segundo acidente vascular-cerebral. No entanto, o autor de «O Delfim» permanece vivo porque a sua obra se tornou consubstancial à própria cultura portuguesa. Cardoso Pires harmonizou como ninguém a língua «descendente» do padre António Vieira na riqueza e o português de rua, duro e claro. Deixa sobretudo o retrato, a traço irónico mas ternurento, de um povo na travessia do século XX: vergado pela ditadura, prisioneiro dos seus traumas, inchado nas suas vaidades.

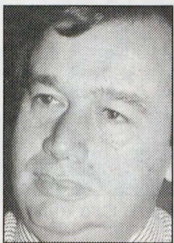
Páginas 30-31

José Cardoso Pires – uma referência literária

JORGE SAMPAIO – O Presidente da República manifestou ontem «grande consternação» pela morte de Cardoso Pires, «um dos grandes escritores portugueses deste século». «Um grande cidadão, grande amigo, grande companheiro», foi como Jorge Sampaio se referiu ao escritor, numa declaração aos jornalistas no Palácio de Belém. O autor de «Balada da Praia dos Cães» é visto ainda por Jorge Sampaio como «alguém que conhecia a vida e as voltas que ela dá». «Foi alguém que soube perceber a mudança numa sociedade (a portuguesa) e a sua passagem do obscurantismo para uma sociedade mais aberta».



ANTÓNIO GUTERRES – «Perdemos todos o convívio com um brilhante escritor deste século». Foi assim que o Primeiro-Ministro recebeu a morte de Cardoso Pires, «alguém por quem tinha muita amizade». «Fica para o futuro uma grande obra e um grande nome que bem mereceu o enorme apreço nacional e internacional que teve», acrescenta Guterres na mensagem de condolências enviada à família do escritor. Sem a sua presença «a valsa dos nossos dias fica mais lenta, mais pobre. Vai fazer-nos falta a sua capacidade crítica, a incrível mestria no uso das palavras e o contagiante gosto que tinha em jogar com elas».



MANUEL MARIA CARRILHO – O ministro da Cultura, Manuel Maria Carrilho, considerou, em nota escrita à Imprensa, que com a morte de Cardoso Pires Portugal «perde um dos maiores vultos dos últimos 50 anos da sua Literatura». «Homem multifacetado - escreve Manuel Maria Carrilho -, José Cardoso Pires teve uma actuação muito importante não só como escritor, mas também como editor, ao fundar a emblemática colecção dos «Livros das Três Abelhas» para os quais traduziu importantes autores americanos, e como jornalista do «Diário de Lisboa», na década de 70, e de uma importante revista, o «Almanaque», no início dos anos 60». «No campo literário, cultivou da maneira mais sublime os mais diversos géneros, desde a sátira política ao teatro, desde a crónica ao ensaio».

CARLOS CARVALHAS – O PCP considerou ontem «irreparável» para a literatura de língua portuguesa a morte de José Cardoso Pires, bem como a «perda do cidadão combativo, vertical e solidário». O PCP não reivindica porém a militância no partido de José Cardoso Pires, como o fizera anteriormente em relação a Saramago, quando da atribuição do Prémio Nobel da Literatura. O secretário-geral do PCP, Carlos Carvalhas, enviou um telegrama de condolências à família do «amigo, do grande escritor, do humanista e interventor cívico que foi José Cardoso Pires».

MÁRIO SOARES – O antigo Presidente da República e amigo de Cardoso Pires Mário Soares considerou que o escritor português era também merecedor de um Prémio Nobel. «É pena que não tenham sido feitas em vida as homenagens que merecia», disse Mário Soares. «A notícia da morte não é inesperada, mas mesmo assim deixa-me muito triste. Fizemos um caminho de vida paralelo. Ele era um grande escritor, um intelectual, um interveniente cívico, progressista», disse ainda Mário Soares. «O seu sentido de solidariedade e de justiça também nos aproximou. Fui sempre lendo a sua obra, que me oferecia, sou um grande admirador seu».



MARCELO REBELO DE SOUSA – Marcelo Rebelo de Sousa recordou a «lealdade», «alegria» e «jovialidade» que marcaram a vida do escritor José Cardoso Pires, características que, salientou, não perdeu «mesmo com a dolorosa falta de saúde» dos últimos meses de vida. José Cardoso Pires, afirmou Marcelo Rebelo de Sousa, «foi uma pessoa que viveu intensamente a vida até ao último instante, de tal forma que, quando teve um acidente que ia sendo trágico, passou também essa experiência a livro, que acabou por ser a sua última obra publicada».

Sobreviver à memória

«A morte ensina a vida. Gosta-se mais da vida quando se pressente a morte». A frase é do escritor José Cardoso Pires, falecido ontem aos 73 anos, mas eterno pelas palavras e pela imagem que nos deixa.

Cardoso Pires foi um observador atento e singular da realidade portuguesa que tratou ao longo de uma extensa carreira literária, por diversas vezes premiada.

O escritor fora internado em coma profundo em Julho deste ano, depois de novo acidente vascular cerebral.

«De Profundis - Valsa Lenta» e «Lisboa - Livro de Bordo» são os seus livros mais recentes, editados em 1997.

O primeiro retrata a experiência pessoal do autor de perda de memória, resultante de um acidente vascular cerebral sofrido em 1995, que o fez embarcar «numa viagem até às portas da casa da morte».

O segundo é uma espécie de «roteiro pessoal» da cidade que Cardoso Pires sempre assumiu como sua, apesar de beirão de nascença.

A originalidade e qualidade da escrita de Cardoso Pires mereceram reconhecimento a nível nacional e internacional, encontrando expressão no rol de prémios literários que foi arrecadando, com especial incidência no último ano.

Recentemente, o escritor comentou essa «vaga» de distinções como um dos efeitos do fenómeno literário, imprevisível por natureza, «algo bastante estranho, sem uma velocidade uniforme, pautado pelas subidas bruscas e pelas descidas às vezes caóticas».

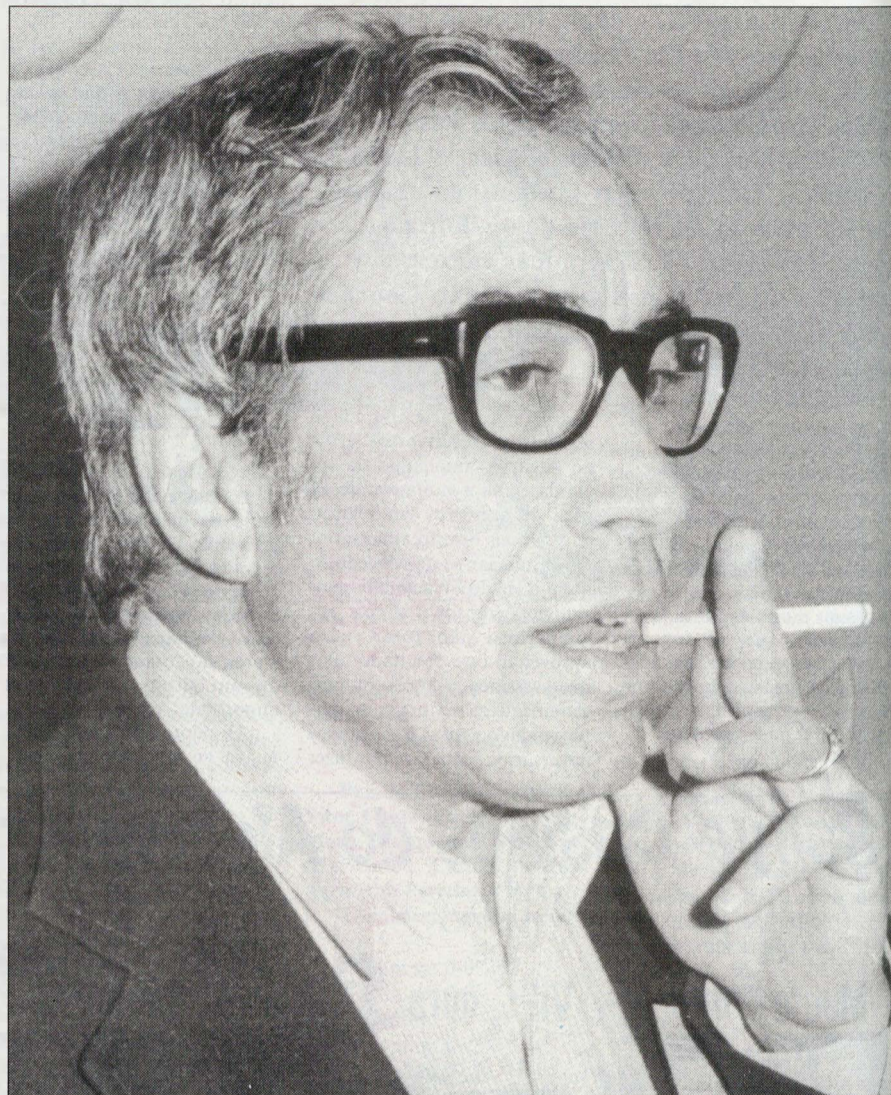
Em Dezembro de 1997 recebeu o prestigiado Prémio Pessoa, e em 1998 foram-lhe atribuídos o Prémio D. Dinis, da Fundação da Casa de Mateus, o Prémio Vida Literária da Associação Portuguesa de Escritores (APE) e o Prémio de Crítica do Centro Português da Associação Internacional de Críticos Literários.

Este último foi entregue a 2 de Julho numa cerimónia privada decorrida na casa do escritor, em Lisboa. Rodeado por familiares e amigos, Cardoso Pires escutou sério e emocionado as palavras de louvor que lhe foram dirigidas.

O seu estado de saúde mostrava-se delicado, na sequência de novo acidente vascular cerebral sofrido em Abril último. Notava-se particularmente na fala, lenta e esforçada.

Mas o sentido de humor era o mesmo de sempre, e até a esse propósito não resistiu à pequena brincadeira: «Estou assim por causa dos músculos da voz. Foi uma das coisas que aprendi com isto. Não fazia ideia que a voz tinha músculos».

Na ocasião, acolheu com um sorriso e alguma surpresa o curioso relato de um dos presentes, o estudioso Liberto Cruz, segundo o qual Mário Soares, o ex-presidente da República, desistira ainda jo-



vem de ser escritor por sua causa.

De acordo com o episódio narrado, Mário Soares tinha em adiantado estado de escrita uma obra de sua autoria quando a sua mulher, Maria Barroso, lhe fez chegar às mãos um exemplar do romance «O Delfim».

Rendido à escrita de Cardoso Pires, o ex-presidente da República teria então decidido abandonar os seus propósitos literários. Anos mais tarde, em Paris, encontrou Liberto Cruz e, em tom de brincadeira, afirmou: «Se eu não me tornei escritor, a culpa é do Cardoso Pires».

«Enquanto houver morte há literatura»

O talento do autor de «Balada da Praia dos Cães» havia já sido distinguido em 1991 com o importante prémio União Latina de Literatura, deixando para três candidatos tão fortes como Marguerite Duras e Gonzalo Torrente Ballester.

Grande parte da obra de Cardoso Pires evoca os tempos da ditadura de António Salazar e de Marcelo Caetano.

O romance «O Hóspede de Job», publicado nos anos 60, foi um protesto contra a guerra colonial portuguesa, «in memória» do seu irmão mais novo que morreu com 21 anos

num acidente de aviação, durante o serviço militar.

«A Balada da Praia dos Cães» (Grande Prémio do Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escritores) é talvez a sua obra mais conhecida. Adaptada ao cinema por José Fonseca e Costa, constitui, em certo sentido, um retrato vivo das contradições sociais.

Na bibliografia de Cardoso Pires destacam-se ainda os títulos «A Cavalhada no Diabo», «O Anjo Ancorado», «Cartilha do Marialva», «O Delfim», «Dinossauro Excelentíssimo», «E agora, José?» e «Alexandra Alpha» (prémio especial da Associação de Críticos Brasileiros, assumida pelo autor como a sua obra preferida).

Nascido em São João do Peso, Castelo Branco, a 2 de Outubro de 1925, sempre se assumiu como «lisboeta». Recentemente declarou em entrevista a um jornal diário que «a alegria do escritor é estar sozinho e resolver-se a si próprio».

Casado durante mais de 40 anos com Edite Cardoso Pires, enfermeira de profissão, com duas filhas, afirmou então que escrevia a pensar que estava a renovar o mundo. Defendia, por isso, que os escritores são seres insatisfeitos e incómodos.

Costumava dizer que escrevia «pouco e lentamente», sem regras ou disciplina de trabalho, e anunciara para breve o lançamento de um novo livro.

Contudo, ainda em Julho,

em Lisboa, recusara-se a levantar a ponta do véu sobre o projecto que tinha em mãos, argumentando que de todas as vezes que no passado o fizera, sempre acabara por se arrepende.

«Acontece-me muito pensar que vou escrever sobre um determinado tema, e de repente mudo tudo», disse.

Sobre o notável sucesso alcançado pela obra «De Profundis - Valsa Lenta», o escritor atribuiu-o ao tema retratado, a morte.

«Felizmente, a morte discute-se hoje como nunca se discutiu. Fala-se abertamente de assuntos como a eutanásia e o aborto, e descobriu-se que a morte não é algo de sagrado, no sentido escolástico do termo. Passou a ser encarada como qualquer coisa que faz parte do ciclo da vida», afirmou então.

Logo em seguida, defendeu: «A literatura é vida, mas é também morte, ou seja, é a discussão da morte. Enquanto houver morte há literatura. Mas só se escreve porque se gosta da vida».

Certamente por esse motivo, Cardoso Pires nunca admitiu abandonar a criação literária, à qual dedicou meio século da sua existência.

O corpo do escritor é hoje cremado, pelas 11 horas, no cemitério do Alto de S. João, seguindo depois as cinzas para o Mausoléu dos Escritores no cemitério dos Prazeres.

José Cardoso Pires – uma referência literária

A obra como um pano verde

Ainda se estava à espera de uma reedição da pilhéria, legendada com o célebre telegrama enviado por Mark Twain à Associated Press – «A notícia da minha morte foi um exagero» – e que haveria de ser retomado como epígrafe em «De Profundis – Valsa Lenta». Ontem, às primeiras horas do dia, José Cardoso Pires, o homem que tinha feito uma viagem de ida e volta à morte, só para poder dizer como era, partiu de vez.

De nada serve rebuscar a bagagem de lugares-comuns que se pescam para compor obituários – «grande perda para as letras», «figura ímpar», etc. Morreu José Cardoso Pires, ponto final. Talvez se peque por defeito, mas não por excesso, uma regra que o autor sempre aplicou na sua escrita.

Aliás, ninguém como Cardoso Pires conseguiu tornar tão inconsistente a língua portuguesa, gerando uma unidade entre a prosa na linha do padre António Vieira pela sua riqueza e o português carrascão, de rua, ácido até na ternura, curto e grosso, produzindo atalhos sintéticos que fascinavam o escritor, como essa construção de um substantivo como superlativo na expressão «coisíssima nenhuma». É uma prosa arejada, transparente, na esteira dos seus modelos norte-americanos – Hemingway sobretudo. Também aqui, o autor de «Cartilha do Marialva» se furtou à força centripeta de uma outra «autoridade» em Portugal: a cultura francesa.

Para escrever, como o afirmou em várias entrevistas, o material primeiro de José Cardoso Pires era a sua própria experiência. Precisava de viver também a

língua, ouvi-la entre chulos e prostitutas, criaturas da noite, marinheiros, camponeses. É este idioma humano, e não a construção de estufa, que constitui a matéria-prima do autor em romances que integram já um cânone português, extraordinários pelo prumo da sua construção e pela ironia. O facto é que o romancista sempre se empenhou em fugir à «literatura», mantendo a sua obra num limiar de legibilidade, não espantando o leitor com prosas embrulhadas ou cerradas nas suas referências. No entanto, como boa teia, ia enredando a atenção em estruturas espiraladas, cada vez mais complexas e não é à toa que a crítica Maria Lúcia Lepecki fala de uma produção que, por uma espécie de pudor, se constrói em «palimpsesto».

Depois, os seus textos remetem sempre para uma realidade profundamente portuguesa: é o caso de «Hóspede de Job» (1963), um libelo contra a guerra colonial. Embora pertencesse, por laços de amizade, ao círculo dos neo-realistas, a verdade é que bem cedo a sua escrita se afastou de um comprometimento ideológico. Na verdade, o único compromisso parecia o repúdio à pata do regime, à perseguição política, ao mofo de sacristia que pervadia Portugal, o país que, por uma hipérbole ao contrário, haveria de aparecer sob a forma de uma aldeia em «O Delfim» (1968).

Depois de caído o Estado velho de tão Novo, o autor orientou o seu sarcasmo para os meandros burocráticos e vícios de uma máquina judiciária em «A Balada da Praia dos Cães» (1982), em que, de novo, a escrita proteica

de Cardoso Pires, que aí assume uma nova forma – a dos autos de polícia.

É evidente que uma tal perfeição impunha morosidade ao processo criativo e, no que toca à construção do romance, Cardoso Pires era um autêntico relojoeiro. As engrenagens funcionavam à boa maneira suíça, mas o escritor nunca se deu por satisfeito. Quando chegava a hora de atacar no papel uma nova ideia, deixava Edite, a sua companheira de 40 anos, e as filhas, isolava-se numa casa da Costa da Caparica, a beber chá – nada de álcool – e a comer papas, abstendo-se de ler ficção. Depois, vinham as versões sucessivas, porque, quando se escreve, como lembrou o próprio Cardoso Pires, o anjo está sempre de costas.

O último grande desafio foi a «morte branca», que o levou às suas entranhas, em Janeiro de 1995, com um primeiro acidente vascular-cerebral. Em jeito de ensaio, «memória sobre uma desmemória», nasceu «De Profundis», publicado em 1997. Nesse ano, foi também publicado «Lisboa, Livro de Bordo», uma viagem pela sua cidade, ele que nascera, em 1925, no Peso, Castelo Branco. As contas estavam feitas e certas. Cardoso Pires podia partir e a sua obra ficava, lisinha e apetecível como o pano de uma mesa de bilhar. «Aí, com três bolas em sujeito, predicado e complemento, o artista de mão de seda traçava uma oratória geométrica em cima do pano verde que era um pasmo de se ver» («De Profundis»).

Nuno Morais

EDUARDO LOURENÇO – O ensaísta Eduardo Lourenço comparou ontem Cardoso Pires a Ernest Hemingway, com a diferença de que «não foi à caça ao leão a África» como o escritor norte-americano. «Era um grande conhecedor da vida e um grande amante da vida em todos os seus aspectos», afirmou. Na sua opinião, Cardoso Pires «é um dos escritores portugueses mais importantes desta segunda metade do Século (XX)», «extremamente original», sobre o qual «o futuro dirá qual é o lugar dele entre os seus contemporâneos». Para Eduardo Lourenço, o escritor foi «um dos mais atentos à realidade e aos mecanismos mais profundos da sociedade portuguesa», que «reflectiu na sua obra toda uma recusa da atmosfera de repressão e censura do antigo regime».

EUGÉNIO DE ANDRADE – O poeta Eugénio de Andrade lamentou ontem, no Porto, a morte de José Cardoso Pires, de quem era amigo desde a juventude, considerando que com ele desapareceu um dos maiores prosadores portugueses. «A morte dele era esperada, mas apesar disso a notícia choca-me, perturba-me», disse. «Com ele desapareceu um dos nossos grandes prosadores, um dos maiores. Disso não é ocasião para falar – são tão poucos os amigos que, ao desaparecer um deles, e ele não era um qualquer, se fica na verdade mais pobre; perdoe-se o lugar comum», acrescentou.

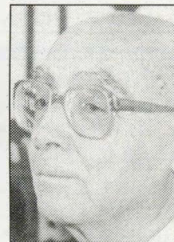


URBANO TAVARES RODRIGUES – A morte de José Cardoso Pires representa o desaparecimento de um dos maiores autores de Língua Portuguesa deste século, disse Urbano Tavares Rodrigues. «Com Cardoso Pires desaparece das nossas letras um escritor original e incisivo da linhagem de Hemingway, de Roger Vaillant, e eu perco um amigo da juventude, que sempre estimei profundamente», observou Tavares Rodrigues. Manifestando-se «profundamente emocionado» ao saber da notícia, o escritor lembrou o «grande amigo» que conheceu desde os tempos da juventude, relacionamento que só em 1955, quando regressou de Paris, foi «devidamente aprofundado».

FONSECA E COSTA – «A morte não se comenta» foi a primeira reacção do cineasta José Fonseca Costa quando confrontado com o falecimento do escritor José Cardoso Pires. «Cardoso Pires é uma pessoa que ficará para sempre presente, e isso torna ainda maiores a minha dor e a minha emoção, sabendo que não volto a falar-lhe», acrescentou, no entanto, o realizador da «Balada da Praia dos Cães», extraída do romance homónimo do falecido. «Era um grande amigo meu antes do mais e um dos maiores escritores da língua portuguesa. É uma perda irreparável, um choque muito grande, embora eu já soubesse desde 8 de Junho que o José não tinha retorno», disse, referindo-se ao segundo e derradeiro internamento do escritor.



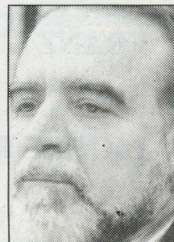
SARAMAGO – O Prémio Nobel da Literatura José Saramago manifestou-se ontem «chocado» com a morte de José Cardoso Pires, considerando uma «infelicidade» a sua perda. «Soube da notícia há dois minutos e as palavras não são fáceis», disse Saramago, que quis evitar «lugares comuns» como «é uma grande perda para a literatura e para a cultura portuguesas». «Estas palavras repetidas mil vezes para pessoas diferentes esvaziam-se de significado», justificou. Para José Saramago, «os efeitos da morte de Cardoso Pires não são imediatos, a consciência do desaparecimento vem mais tarde». «Se Cardoso Pires estivesse consciente durante estes meses de coma, teria motivos de tremenda indignação, porque era um homem vital, rijo e corajoso. Teria sido muito doloroso para ele estar consciente».



AGUSTINA BESSA-LUÍS – A escritora Agustina Bessa-Luís considerou ontem, no Porto, que a morte de José Cardoso Pires é «uma perda muito grande» para todos os que o conheciam e para quem está ligado às letras. «A sua morte, pelas condições em que ocorreu, representa uma libertação, mas é também uma grande perda para as nossas letras», sublinhou. «Tenho pena que uma pessoa que eu conheci bem e que possuía muitas qualidades tenha desaparecido», acrescentou. Agustina falava poucos minutos após ter conhecimento da notícia, que a deixou «entristecida», apesar de não ter ficado muito surpreendida dada a situação clínica em que o escritor se encontrava há cerca de dois meses.



MANUEL ALEGRE – O poeta e deputado do PS Manuel Alegre considerou que José Cardoso Pires foi um escritor que «desmontou mitos e teias de aranha culturais». «Desmontou o machismo, o clericalismo e um certo militarismo com uma prosa luminosa, muito depurada. Com ele, penso que a língua portuguesa atingiu um patamar altíssimo», disse Manuel Alegre. «Sabia como poucos construir um romance. Criou personagens que passaram a fazer parte da vida. Ele próprio era uma personagem da vida». «Era um homem profundamente livre, da esquerda de alma visceral, o que está presente em toda a sua escrita», disse ainda Manuel Alegre, que acrescentou que livros como «O Hóspede de Job» e «Cartilha do Marialva» «ajudaram a ver o País de outra maneira».



Fotobiografia do escritor pronta em 1999

Imagens e palavras de uma vida

José Cardoso Pires foi um «grande escritor de voz singular, que trouxe à literatura portuguesa um registo quase cinematográfico», disse Inês Pedrosa, recordando do amigo «a enorme lealdade e franqueza».

A escritora e jornalista trabalha há alguns meses na preparação de uma Fotobiografia sobre o autor de «O Delfim», que será lançada pela D. Quixote no final de 1999, conforme confirmou ontem o editor responsável, Nelson de Matos.

De uma convivência pessoal de 15 anos, Inês Pedrosa salienta em Cardoso Pires «a pessoa franca e leal, o amigo do seu amigo». No criador literário destaca a «escrita muito enxuta, muito limpa e trabalhada», que resultava num «registo quase cinematográfico».

«Cardoso Pires era um grande observador e um grande narrador. Com os seus olhos pequeninos, que pareciam pequenos luzeiros, observava tudo, estudava as pessoas e as coisas,

sempre em busca de pormenores. Não desperdiçava nada do que via», referiu a escritora.

A Fotobiografia que está a ser coordenada por Inês Pedrosa retratar a «vida cheia» e os «pequenos segredos» da escrita de Cardoso Pires.

Trata-se de um projecto nascido há cerca de um ano entre editor, escritor e autora, pensado desde o início para publicação no final de 1999. A obra, de grande formato e com uma forte componente visual, basear-se-á nos relatos pessoais de Cardoso Pires guardados por Inês Pedrosa em mais de 12 horas de fita gravada.

«Extraordinário contador de histórias com um forte sentido de humor», o consagrado autor de «Balada da Praia dos Cães» cedeu à sua biógrafa toda uma série de documentação pessoal, como fotografias de infância, postais, recortes de jornais e manuscritos.

Parte desse material integra a «fantástica oficina de escrita» de Cardoso Pires, um autor com

um «pendor muito descritivo» que desde sempre cultivou o hábito de coleccionar os mais diversos objectos, relatou Inês Pedrosa.

Leitor interessado e sempre atento às novidades – «lia tudo o que aparecia, todos os novos escritores» – quando tinha em mãos um romance trocava de imediato as leituras de ficção por obras de carácter científico, para «não se deixar contaminar».

A par do percurso literário, a «Fotobiografia» desvendará pormenores de uma «vida aventureira», até agora desconhecidos do público. Cardoso Pires saiu de casa aos 15 anos, foi marinheiro e «amigo de marginais», referiu a autora.

A «Fotobiografia» de Cardoso Pires terá arranjos visuais de Henrique Cayatte, que assinou também a recente obra «Lisboa - Livro de Bordo», lançada em Outubro do ano passado por ocasião da presença do escritor na Feira do Livro de Frankfurt.